

MACHADO DE ASSIS: cronista e editorialista

SÉRGIO ARRUDA DE MOURA*

RESUMO: a crônica machadiana vista de uma perspectiva histórica. A Imprensa com função dinamizadora da ficção brasileira do século XIX. A função editorial da crônica machadiana.

DESCRITORES: Jornalismo : Literatura
Jornalismo : História
Jornalismo : Crônica e Editorial
Journalism : Literature
Journalism : History
Journalism : Chronicle and Editorial

ABSTRACT: the Machado de Assis chronicles seen through a historical point of view. The press as a dynamic agent of the Brazilian fiction in the XIX century. The editorial function of Machado's chronicles.

“... fiquei só, peguei no chapéu e vim ter com os meus leitores, que são sempre os que pagam as favas.” Machado de Assis, *Gazeta de Notícias*, 18/11/1888.

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis inicia sua atividade de escritor no final da década de 50, no século passado quando a sociedade brasileira começava a se distanciar do arraigado sentimento de unidade de colônia a ex-colônia. A sociedade passou a ser aceita, embora não amplamente compreendida, como aquela que "... não mais oferece a seus filhos uma orientação global da existência unanimemente

* Doutorando em Literatura Comparada da Faculdade de Letras da UFRJ. Professor do Curso de Comunicação da SUAM/RJ

aceita e partilhada.' (12) Assim, Machado, fortemente influenciado pela visão problematizadora que essa nova sociedade oferecia impulsionada pelos ventos da modernização política e social, destacou na literatura um papel igualmente problematizador. .

Machado de Assis inicia sua atividade de escritor no final da década de 50, no século passado, quando a sociedade brasileira começava a se distanciar do arraigado sentimento de unidade de colônia e ex-colônia. A sociedade passou a ser aceita, embora não amplamente compreendida, como aquela "... que não mais oferece a seus filhos uma orientação global da existência unanimemente aceita e partilhada" (12). Assim, Machado, fortemente influenciado pela visão problematizadora que essa nova sociedade oferecia impulsionada pelos ventos da modernização política e social, destacou na literatura um papel igualmente problematizador.

Desta feita (pois como veremos no presente trabalho ele foi bem sucedido nessa tarefa), a literatura é, no início do processo de vigoração do novo, o lugar onde efetivamente se manifesta o sentido dessa modernização.

Machado sentiu que esses novos tempos se instalavam no panorama social brasileiro e refletiu esse estado de mudança numa vasta obra crítica e literária, duplamente como escritor e jornalista. Interessa-nos aqui rever sua postura enquanto homem que, no alto de uma tribuna estética, incluiu todo o percurso social do seu tempo nesta bagagem. E é lá que encontraremos todo esse percurso não meramente documentado, mas metaforicamente refeito e formalmente descrito. Conto e romance devidamente distribuídos segundo suas fórmulas e estilos de concepção romântica, ou realista, ou, como preferem alguns estudiosos da obra machadiana, pré-modernista, agrupam-se numa mesma categoria de crítica modeladora do seu tempo e prenunciadora de uma nova era marcada pela mudança.

Mas, paralelamente a essa produção literária (conto e romance), temos a crônica, esse gênero um tanto esquecido, responsável por grande parte da produção machadiana. A inclusão da crônica no universo do jornalismo já participante fez dela, desde o seu pleno exercício em Machado há mais de 100 anos, um gênero intermediário entre a notícia e a literatura. Machado escrevia a crônica diretamente do fato, ao lado do acontecimento recuperado sob forma impressa, proporcionando-lhe, contudo, vida própria. Machado não vai inscrever na sua crônica a cena real, o fato político documental, o fato corriqueiro para, a partir dessa inscrição, trabalhar as possibilidades literárias. Ele já parte da alegoria, do tropos poético, da metaforização que o seu universo imaginário constrói e para o qual o leitor deve estar atento.

Dessa forma, fomos buscar no fato noticiado na imprensa da época o paralelo da crônica para podermos sentir e, mais do isso, perceber como Machado recolhia os acontecimentos e deles fazia a matéria da crônica. A **Gazeta de Notícias** do Rio de Janeiro onde ele publicou além de **Um homem célebre** um conjunto de 28 crônicas sob o título de **Bons Dias!**, de 5 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889, serviu-nos como principal universo de pesquisa nesse sentido. Concentramo-nos, porém, no primeiro semestre de 1888, época em que se tornam claros os primeiros sinais da abolição da escravatura, tema sobre o qual Machado muito se deteve e que aqui merece nossa atenção.

Outros periódicos como o **Jornal do Commercio** e o **Diário de Notícias** colaboraram em nossa pesquisa para com uma maior visão dos fatos políticos e também para sentir até onde ia o jornalismo como empresa com uma função na sociedade.

Procuramos ampliar a compreensão da atividade machadiana da crônica na relação que esta tem com a notícia, situando o escritor literariamente, o que quer dizer, mostrar suas principais contribuições para o desenvolvimento da técnica narrativa. Interessou-nos o confronto dialógico, porque nos parece que essa técnica tem um vínculo muito forte com a presença do leitor assíduo, do leitor com necessidade de informação e de lazer, do leitor que, no gesto de assinar um jornal diário, está assumindo um compromisso de participação. Sabendo disso, Machado adiantou-se ainda mais nesse confronto e viu no diálogo formas eficientes, capazes de, junto com o leitor, se colocar no mesmo plano de espectadores e críticas das instituições.

2 MACHADO E A IMPRENSA

Com apenas 16 anos, Machado de Assis entra no mundo da letra **redonda**, como era chamada a letra impressa, e dele jamais chegaria a se distanciar, fazendo do jornal o veículo por excelência de sua vida literária. Estreou n' **A Marmota** e daí passaria à Imprensa Nacional como aprendiz de tipógrafo. Em 1859 passaria a revisor do **Correio Mercantil** e a escrever n' **O Espelho** (13) A imprensa por toda a metade do século XIX era incipiente, principalmente se considerarmos que a então colônia só foi ter uma em 1808 quando da chegada da corte ao Rio de Janeiro. Após isso, a impressão gráfica tornou-se uma atividade comercial, mas não como imprensa em si dada a carência de condições de se formar a empresa jornalística de fato. Paula Brito, proprietário d' **A Marmota**, foi desses que tentaram a empresa com algum sucesso. Essa imprensa, como já a podemos chamar, serviu inicialmente bem mais à divulgação de trabalhos de nomes que ficariam na história literária brasileira como Joaquim Manuel de Macedo, Teixeira e Souza e, mais tarde, o próprio Machado de Assis. Este, com o ressurgimento do **Diário do Rio de Janeiro**, em 1860, torna-se repórter, e o seu modo próprio de tratar jornalisticamente a questão política tornou-o depositário de um talento, inclusive, extra-literário.

E talvez fosse justamente o comentário crítico incisivo, a crítica sutil ou mordaz, que estivessem faltando para que a vida política e cultural, em uma espécie de semi-estagnação, começasse a borbulhar. Machado carrega então o privilégio de também ter colaborado não apenas literariamente para com o alvorecer de uma nova fase no país, uma fase de verdadeira renovação.

Os novos tempo, contudo, até a entrada de Machado em cena, são decisivos no plano político, quando os acontecimentos começam a tomar vulto. Estamos já próximos dos movimentos abolicionistas e republicano. Devemos considerar que o 13 de maio e o 15 de novembro tiveram um longo tempo de maturação, semelhante ao que já havia acontecido historicamente em setembro de 1822. Essa maturação teve na imprensa papel preponderante, tanto que já se desejava um quadro vivo de uma imprensa livre, com um relativa liberdade de ex-

pressão, ao lado de uma oficial, presa aos ditames político-conservadores. Machado apud SODRÉ, a esse respeito dá o seu aval:

“Houve uma coisa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal (...) E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o ‘status quo’, de todos os falsos princípios dominantes...” (13, p. 268)

Essa **sentença de morte** era dada toda manhã nas entrelinhas de jornais republicanos como a **Gazeta de Notícias**, **O País** e o **Diário de Notícias**, à época, em franca atividade. A vitalidade do “status quo” era também injetada diariamente em jornais como o **Correio da Tarde**, órgão do governo, e **A Cruz**, jornal católico.

Essa mesma década de 60 assiste ao florescimento do jornalismo literário, o que torna a imprensa não apenas divulgadora dos trabalhos literários mas crítica dos mesmos. Em 1866, Machado faz a crítica de **Iracema**, de José de Alencar, dando, segundo SODRÉ o tom maior do jornalismo literário (13).

Mas o Machado crítico vem bem antes dessa data, vem precisamente de 1858, quando, aos 19 anos, n’**A Marmota**, publica “... o passado, o presente e o futuro da literatura” (1, p. 785-789) na edição do dia 9 e 23 de abril. Aqui, ele louva a literatura e a política como “... faces bem distintas da sociedade civilizada” (1), e marca a poesia dos primeiros tempos de nossa literatura como “... a manifestação eloqüente de uma raça heróica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro”. (1) Machado mistura duas coisas (literatura e política) que por muito tempo ainda andariam de mais dadas pelos caminhos da vida nacional. E num país onde a literatura e política só viveriam sob os auspícios de uma revolução, “... o país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar” (1). Nos dois campos, a revolução foi se fazendo lentamente, e na literatura mais incisivamente, ainda que posteriormente à independência de 1822. Ambas, contudo, deram o seu avanço mais significativo durante o transcorrer do século XIX. Assim, temos, na política, e ainda que tardia abolição e a vitória da verdadeira identidade republicana do povo brasileiro; e, na literatura, temos o Romantismo desaguando no Realismo e o florescimento de outras correntes finisseculares como o Parnasianismo, Naturalismo e Simbolismo. Política e literatura estão ambas nesse caminho de prima pela concretização do perfil de uma identidade própria:

“No espaço atual das cousas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, eo literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende.” (1, p. 787-788)

Nessa sua primeira crítica-ensaio, Machado deixa impressa sua intenção como homem político e de letras, e, na crônica, ele vai deixar um dos trabalhos mais abrangentes nesse sentido.

3 MACHADO E A CRÔNICA

Machado de Assis, no auge de sua criatividade, também fez da crônica durante muito tempo, de 1876 a 1897, um importante meio de expressão. Cristalizando aquela tendência apontada aos 19 anos, ele é o cronista com a missão de homem social, participante dos movimentos da sociedade. É assim que ele vai acompanhar a tendência da imprensa em prestigiar, inclusive, a frivolidade da corte escrevendo para o **Jornal das Famílias**, publicando contos, de 1864 a 1876, quando envereda pela crônica.

Os anos 60 não são apenas de agitação política, mas cultural. Por essa época, o crescimento da classe média urbana começava a se fazer sentir, permitindo a ampliação das atividades culturais ligadas à imprensa. Ainda por essa época, o conflito militar platino, a suspensão há 10 anos do tráfico negreiro, começando a exibir suas conseqüências, bem como a guerra do Paraguai faziam os diversos setores sociais clamarem por reformas. E esse clamor, ainda segundo Nelson Werneck Sodré, fazia eco na imprensa. Em fins de 1867 e início de 1868, a **Opinião Liberal** informava a desapropriação de 30 mil escravos para formar o novo exército libertador e clamava pelo fim da guerra, um **desatino de caprichos imperiais**. A imprensa teve assim papel decisivo na conscientização da inutilidade da guerra.

A década de 70 por sua vez assiste ao recrudescimento dessa tendência participativa da imprensa. Entre 1870 e 1872, surgiram mais de 20 jornais republicanos e abolicionistas (13, p. 244). Dois anos depois, a imprensa passa a contar com a sucursal no Rio da agência telegráfica Router-Havas, tornando possível o acompanhamento dos fatos internacionais no momento em que eles aconteciam.

É na imprensa, portanto, com essas características que Machado vai mergulhar fundo na análise e observação da vida brasileira. Percebeu o seu tempo como ninguém e, na crônica expôs essa percepção. A **Gazeta de Notícias**, jornal onde publicou regularmente as crônicas intituladas **Bons Dias!** (que analisamos adiante) e onde fizemos a pesquisa histórica, foi fundado em 1874 e, pelo final da década de 80, circulava com uma média de 24 mil exemplares. A **Gazeta**, editorialmente, tipifica a imprensa de há 100 anos. Completamente diverso do jornalismo que se fez muito posteriormente em termos de diagramação, titulação e edição, a primeira e segunda páginas invariavelmente esgotavam toda a informação, ficando as restantes, geralmente apenas mais duas, restritas a informações secundárias e anúncios publicitários. Mesmo as crônicas chegavam a ocupar as páginas iniciais. Questões como a abolição, alforrias em massa antecipadas ao 13 de maio, a chegada dos primeiros imigrantes, falhas no abastecimento d'água e a agenda do Imperador eram basicamente a totalidade de universo informacional. O noticiário internacional se resumia a escassos parágrafos que não davam conta dos acontecimentos, apesar de já estar em operação a sucursal brasileira da agência Reuter-Havas. A edição de 20 de janeiro de 1888 da **Gazeta**, por exemplo, trazia:

“Um telegram da agência Havas, datado de Viena, informa-nos que se complica a situação política da Europa, e que há receios de que

se não de realizar cousas.

Por uma discrição muito louvável em um correspondente telegráfico, a gente não fica sabendo quais são as coisas que se não de realizar. Mas é exatamente a ignorância dessas cousas que nos aflige e nosapura na ansiedade. Que cousas serão essas?" (6, p. 1).

É no que diz respeito à política nacional, aos interesses de estado, à divisão de esfera pública nos partidos Liberal e Conservador que o jornalismo vai se dedicar com mais afinco. E Machado vai entrever nesse interesse vasta temática para inserir nas suas crônicas sob forma de um humor e uma ironia pouco benevolentes até mesmo para com a família imperial. Ao nosso ver, a crônica machadiana dá uma larga contribuição ao sentido crítico-reivindicatório que se desenvolverá no pré-modernismo e depois no próprio modernismo e fases subseqüentes. Além do mais, a crônica foi para Machado uma espécie de laboratório onde ele executou o discurso dialógico com profusão. O discurso dialógico exercitado por Machado tornou-se um verdadeiro dado da forma romanesca que o século XX tratou de se apropriar para dar curso ao meta-romance, o romance que se alegoriza como criação e, por extensão, faz da problemática angustiante da criação e da existência o modo como a moderna necessidade de expressão se faz. Machado é, portanto o Atlas que carrega o universo de nossa modernidade literária. Foi com ele que a literatura começou a se definir a partir da percepção aguda do momento histórico. A estrutura dialógica é o modo de Machado conchamar à participação que ele já pregara no **Instinto de nacionalidade**. É um chamado insistente, persistente até, se lembrarmos que os leitores não eram meros compradores de exemplares avulsos, mas assinantes, portanto, leitores assíduos.

Então, na crônica machadiana vamos encontrar o leitor em contato com o real reescrito, o real pluralinear refeito pela sua crônica que faz do leitor digressivo, participante.

O cronista machadiano, que é o narrador com seu modo de narrar descoberto, é o intérprete dos fatos. Através do seu instrumento, a crônica, e auxiliado pela força atuante do "medium", o cronista faz o leitor ver-se refletido em um quadro cuja moldura é o social paramentado pela efervescência dos fatos. Antes de apresentar a realidade da época, o que a imprensa faz bem ou mal ou deficientemente, Machado faz a representação dessa realidade, porque estamos tratando a crônica machadiana como um fato estético-literário com características próprias.

O Machado cronista, ao instrumentalizar o universo do jornalismo, da informação diária, constrói o texto claramente dentro de um contexto, reescrevendo o real dentro de um veículo de que esse próprio real se serve. A crônica está ao lado da notícia (como veremos em capítulo próximo) retransmitindo o discurso de outro emissor, modificando seu antigo contexto e assegurando-lhe função irônica, além de ensaiar uma nova linguagem de caracterização dialógica, comentando as suas próprias decisões temáticas e retóricas. (2, p59-61).

O dialogismo em Machado, modo de interlocução entre autor e leitor — decisão retórica — é fomentado pelo acesso do homem de letras ao veículo de comunicação impressa. O jornal há muito vinha exercendo, ainda que deficientemente

mente e não sem isenção do filtro ideológico, uma velha função social, a comunicação. O comunicador, diferente do homem de letras, tinha certeza de um dado imprescindível no que diz respeito à letra impressa: o público. Machado era duplamente homem de letras e homem com acesso a esse meio que se revelava poderoso; e de sua pena sairia exatamente esse texto-interlocução, transitando pela ficção e pela informação e documentação, entre a necessidade de informar além da notícia e divertir. Nessa instância — divertir —, o cronista agência aquilo que melhor conhece: as figuras retóricas, responsáveis pela redução ao mínimo — diríamos melhor, essencialização — do universo caótico e indisciplinado da página impressa.

Uma olhada nas páginas dos jornais da época revela a quase total ausência de tratamento editorial da notícia. As matérias sobre a câmara dos deputados são descritivas, com direito até a rubricas indicando a movimentação de cada um dos **personagens no palco** da sessão: " ... O Sr. presidente declara eleito o Sr. Carlos Affonso e convida-o a ocupar a cadeira. (Ocupa a cadeira da presidência o Sr. Carlos Affonso)." (11, p.1)

Os discursos imperiais, bem como as resoluções ministeriais eram invariavelmente publicados na íntegra, sem qualquer posicionamento editorial. Esses posicionamentos crítico-editoriais encontram lugar quando a situação se faz claramente insustentável. Enfim, vemos que no jornalismo da época há uma notoriedade impressionante do texto anônimo, artigos, crônicas e notícias não assinadas — o próprio Machado de **Bons Dias!** não assinava — além da completa ausência do editorial e do expediente como os conhecemos hoje.

Nesse universo, a crônica machadiana desponta com a eficiência que já lhe traçamos. Contando que Machado foi também contista, veiculando massivamente sua produção nos jornais e revistas da época, romancista empenhado na denúncia social, além de crítico literário que sabe do papel da arte, temos o intelectual perfeito e o escritor que realmente soube promover a **descoberta** da literatura e da crítica no Brasil.

4 A CRÔNICA DE BONS DIAS!

Escolhemos, para melhor traçar um perfil do cronista, as crônicas publicadas entre 05 de abril de 1888 a 29 de agosto de 1889 na **Gazeta de Notícias** sob o título de **Bons Dias!**. Dedicamo-nos às crônicas em torno da movimentação política anterior e posterior ao 13 de maio.

A crônica do dia 04 de maio (11) encontra o narrador constipado, o que efetivamente o impeto de ir à solenidade de abertura das câmaras para ouvir o discurso da princesa regente, anunciando necessidade de reformas e, principalmente, o projeto de abolição (1, p. 486-488). Dialogando com o leitor, o cronista-narrador pede-lhe as devidas desculpas por não tirar-lhe o chapéu, formalizando o cumprimento de que sempre fez questão, gesto aliás implícito no próprio título das crônicas. Mais ainda: coloca-se frente a frente com o leitor e lança a primeira flecha crítica endereçada ao poder: "... olhem como um fungo. E não é de autoridade, note-se (...) fungo sem a menor sombra de poder, fungo à toa...". (1, p. 486)

A abertura das câmaras vem dar ensejo a uma fala da princesa regente — D. Pedro II, seu pai, estava de férias na Europa para tratamento de saúde — para manifestar publicamente atos e vontades imperiais com respeito à nação. A princesa expressa sua satisfação ao sentimento antiescravagista geral:

“A extinção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberdades particulares, em honra do Brasil adiantou-se pacificamente de tal modo, que hoje é aspiração aclamada por todas as classes, e admiráveis exemplos de abnegação por parte dos proprietários”. (7, p. 1)

Ainda no seu discurso, Isabel não escondeu sua preocupação para com os problemas sociais, de saúde e segurança pública. Mas como a grande ansiedade era quanto ao projeto de abolição que, em breve, estaria chegando ao Senado, tratou de indicar os caminhos que se podia tomar quando a abolição fosse uma realidade. E esse caminho apontava já para a necessidade de modernização da última nação escravocrata:

“Mediante providência que acautelem a ordem na tranferência do trabalho, apressem pela imigração o povoamento do país, facilitem as comunicações, utilizem-se as terras devolutas, desenvolvam o crédito agrícola e aviventem a indústria nacional...” (7, p. 1)

Fora do Senado, o povo dá vivas à abolição iminente, à princesa Isabel e a todos os deputados e senadores abolicionistas, o que, em parte, justifica o interesse imperial quanto à abolição. Os próprios jornais se empenham em organizar festejos públicos para comemorar a luta pela qual tanto esperaram e lutaram. Depois da cerimônia, a princesa sai em cortejo público sendo agraciada pelo povo.

Esses acontecimentos enfastiam o cronista. Para a crônica do mesmo dia, Machado prepara algo como uma alegoria da imobilidade. Impossibilitado de sair, o imobilizado Machado ou o cronista constipado é a figuração do descaso e indiferença aos recentes acontecimentos políticos, como forma de, dele, participar melhor, ou seja, reflexivamente.

As últimas investidas políticas dos partidos Liberal e Conservador com respeito ao projeto de abolição deixaram as pessoas confusas, porque até os próprios jornais não sabiam como interpretar os fatos. Dois meses antes da abolição, a **Gazeta de Notícias** questionava a competência do Partido Conservador, que tinha maioria no governo, para resolver uma questão liberal, como era a da emancipação dos negros. “... Em princípio essa questão teria razão de ser se todos os membros do Partido Conservador fossem conservadores, se tivessem idéias liberais todos os membros do Partido Liberal”, dizia a edição de março daquele ano. (8, p.1)

Mas não só o jornal tem dúvidas, também a têm o povo e os próprios membros do partido que, sem linha de ação definida, haviam deixado a discussão da abolição sempre para mais tarde. Em um país que nunca teve tradição partidária, ou seja, vínculo dos seus membros com um programa ideológico comum, uma consciência política lúcida como a de Machado não fica desnorteada.

Nessa mesma crônica de 04 de maio, o cronista lamenta a ausência de condições para ir à cerimônia por duas razões:

“A primeira é a abertura das câmaras. Realmente, deve ser solene. O discurso da princesa, o anúncio da lei da abolição, as outras reformas, se as há, tudo excita a curiosidade geral, e naturalmente pede uma saúde de ferro.

.....
A segunda razão da saúde que eu desejava ter agora, prende com a primeira. Já o leitor adivinhou o que é. Não se pode conversar nada, assim mais encobertamente, que ele não perceba logo e não descubra. É isso mesmo; é a política do Ceará”. (1, p. 486-487)

Ora, Machado sempre fora pródigo em criticar os fatos usando a ironia como figura retórica. E aqui ele faz mais do isso: desloca os acontecimentos a pretexto de preservar-se no anonimato do partidarismo político.

“Era outro plano meu; entrava pelo Senado, e ia ter com o senador cearense Castro Carreira, e dizia-lhe mais ou menos isto:

— Saberá V. Ex.^a que eu não entendo patavina dos partidos do Ceará...

— Com efeito...

— Eles são dous, mas quatro; ou, mais acertadamente, são quatro mais dous.

— Dous em quatro.

— Quatro em dous.

— Dous, quatro.

— Quatro, dous.

— Quatro.

— Dous.

— Dous.

— Quatro.

— Justamente.

— Não é?

— Claríssimo.” (1, p. 487)

A situação dos partidos políticos no Ceará, da qual ele não entende patavina é, em suma, a situação dos partidos na corte, situação onde os interesses políticos e de poder afloram mais que as questões de interesse da nação.

Nem todos os conservadores estavam com o governo, nem todos os liberais eram antiescravagistas. O gabinete do ministro João Alfredo Prado estava com o projeto abolicionista que a 3 de maio, já discutido, era o grande trunfo de um império que já mostrava sinais de decadência, como Machado já percebera. A questão abolicionista, aliás — lembremos a lei de Ventre Livre, do Visconde do Rio Branco, que extinguiu a escravidão a longo prazo — devia avanços e recuos a ambos os partidos. **A Gazeta de Notícias**”, atenta à história, deva a entender, freqüentemente, nas suas páginas diárias que o Partido Liberal parecia mais se

interessar em "... libertar-se dos escravos do que em libertar os escravos" (8, p. 1).

Pareceu à **Gazeta** até que, se o Partido Liberal tivesse o poder, não ia querer resolver a questão escravagista, e que, se o quer agora, é muito mais para fazer oposição ao Partido Conservador do que por convicções ideológicas. Assim, o Partido Liberal não sabe se apóia o projeto do gabinete João Alfredo ou se o guerreia, o que, na opinião da **Gazeta**, seria descabido e inútil mesmo partidarmente. Caindo o Gabinete, iam ser necessários mais seis ou doze meses para compor-se um outro, suspendendo assim a urgente questão servil.

Nada disso, de fato, passou despercebido à crônica machadiana quando se a confronta com os dados imediatos da história que se fazia naquele momento. Não é de se estranhar que essa crônica cumpra até mesmo editorialmente uma função. Portanto, a cerimônia de abertura das câmaras no dia 3 de maio vai imprimir no cronista uma visão ainda mais cética com relação ao quadro político brasileiro. E a coriza que lhe ataca não é mais que uma alegoria da imobilidade de que o ceticismo é a mais preocupante seqüela: a continuidade absoluta desse estado de coisa mal resolvido que até hoje impera na sociedade brasileira. Resta ao cronista concluir ceticamente:

"Tudo perdido, por causa de uma coriza! Coriza dos diabos, agora ou nunca, chegaríamos a entender aqueles grupos; e perde-se esta ocasião única, por tua causa, infame catarro, monco pérfido!... Tuah! Vou meter-me na cama. Boas noites". (1, p. 488)

5 BIBLIOGRAFIA CITADA

- 1 ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. V. 3
- 2 BRAYNER, Sonia. **Labirinto do espaço romanesco**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. 322p.
- 3 CHAVES, Flávio Loureiro. **História e literatura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988. 94p.
- 4 DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, jan. 1888 a dez. 1889.
- 5 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, jan. 1888 a dez. 1889.
- 6 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 30 jan. 1888.
- 7 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 4 de maio de 1888.
- 8 GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 19 mar. 1888.
- 9 GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Trad. Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. 262p.
- 10 JORNAL DO COMÉRCIO. Riode Janeiro, jan. 1888 a dez. 1889.
- 11 JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 1º out. 1889.
- 12 MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977. 284p.
- 13 SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: GRAAL, 1977. 501p.